

“Sob a Luz da Tradição e do Negócio”: Vaqueiros e Patrões nas Vaquejadas Contemporâneas no Rio Grande do Norte-RN¹.

Francisco Janio Filgueira Aires-PPGCS-UFRN²
Luiz Assunção-DAN-UFRN

RESUMO: Essa comunicação visa discutir o cenário da vaquejada e das relações dos vaqueiros e patrões, configurada na passagem da vaquejada realizada na fazenda, como brincadeira no passado, para vaquejada contemporânea vista como negócio. Desse modo, buscamos discutir sobre o cenário das vaquejadas contemporâneas no Rio Grande do Norte, assim como caracterizar as relações estabelecidas entre patrões e vaqueiros nas vaquejadas, reelaboradas pela tradição, associada ao negócio e ao universo da fazenda. Para este estudo, analisamos o evento a partir das categorias de tradição (Hobsbawm; Ranger, 1997; Bornheim; 1997; Zumthor, 1997); as relações de poder entre patrão e vaqueiro percebidas como prática interessada (BOURDIEU, 2007) e pelo poder em sua micro- relações cotidianas (FOUCAULT, 1997) na qual diz que ninguém o tem em seu sentido concreto, passando a ser disputado a todo o momento. A pesquisa de campo, mediante as observações diretas e diálogos, tem demonstrado que não há vaquejada, mas vaquejadas no sentido plural tendo em vista que seu cenário caracteriza-se por múltiplas diversidades de eventos, como vaquejadas-espetáculo, vaquejadas bolões e vaquejadas da pega do boi no mato, e de personagens, patrões e vaqueiros variados, que a compõe estabelecendo dinâmicas próprias, mas que interagem com o mundo sertanejo. No caso das vaquejadas-espetáculos remete-se a uma diversidade de relações entre patrões e vaqueiros que lembram um passado, mas que também são vistos apenas como um referente do presente vivido por todos seus personagens como um negócio e lazer.

Palavras-Chave: Vaqueiro, Patrão, Vaquejada, Negócio e Tradição.

1 INTRODUÇÃO

Estudar a vaquejada, os patrões e os vaqueiros, enquanto fenômeno da cultura e da tradição no contexto do negócio se tornou um momento oportuno, mas acima de tudo circunstancial, tanto pela continuidade de pesquisas anteriores realizadas por mim, Aires (2008), quanto pelas concepções da diversidade presente na vaquejada, como frequentadores, vaqueiros, patrões, dentre outros figurantes participante do evento.

A primeira delas se apresenta depois de uma década da pesquisa de mestrado, que fiz, em 2006-2008, sobre a construção das modalidades de masculinidades nas vaquejadas no Rio Grande do

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² Francisco Janio Filgueira Aires é doutorando no PPGCS/UFRN e membro do Grupo de Estudos Culturais Populares-UFRN, E-mail: janiofilgueira@hotmail.com; ORIENTANDO do Prof. Dr. Luiz Assunção, professor do Departamento de Antropologia-UFRN/Coordenador do Grupo de Estudos Culturais Populares-UFRN. lassuncao@ufrnet.br.

Norte, estou voltando em cena para aprofundar lacunas não investigadas anteriormente, sobretudo no que remete a relação entre patrões e vaqueiros na pesquisa de doutorado em curso.

A outra se constitui pela ideia de que a vaquejada e seus participantes (vaqueiros, patrões e frequentadores) em seu processo histórico e cultural nunca estiveram congelados no tempo. Pelo contrário, sempre foram aquecidos pela cultura, pela economia, pelas performances estéticas, pelas expressões orais, pelas relações de gênero pautadas nas masculinidades e feminilidades, estilos de vida, esporte e lazer. Nesse sentido, a vaquejada, assim como seus participantes são plurais que compõe uma diversidade de fazeres sertanejo, vaqueiros e patrões.

Embora a vaquejada seja pautada por tudo isso, não tenho interesse nessa comunicação discutir em si todos estes elementos que constituem a vaquejada, como evento plural. Também não vou me debruçar sobre a explicação das relações em si entre vaqueiros e patrões que será desenvolvido especificamente no desenrolar da tese de doutorado em curso, mas quero discutir o processo da pesquisa de campo, apresentando o cenário da vaquejada e das relações entre vaqueiros e patrões contemporâneas no Rio Grande do Norte, configurada na passagem da vaquejada realizada na fazenda, como brincadeira no passado, para vaquejada contemporânea vista como negócio.

A vaquejada na atualidade é um evento cidadão que acontece nas cidades por meio de atores urbanos que tematizam um estilo de vida urbano/rural. Quando se observa a vaquejada com o olhar de fora e de longe, conforme Magnani (2002) há logo um olhar centrado na festa ou no negócio de forma macrossocial, como fato primordial do evento, relegando a dinâmica da competição e das relações que ocorrem na vaquejada em segundo plano. Nas pesquisas sobre a vaquejada esse olhar macro tem se apresentando no estudo de Silva (2013) sobre a vaquejada em Macaíba-RN, percebendo-a como um evento produzido e reproduzido sobre a vertente do capitalismo. O prazer, o lazer e o entretenimento seriam os carros chefes para reproduzir a indústria do capital aniquilando a cultura tradicional da vaquejada.

Embora esta abordagem tenha um recorte fundamental na percepção das mudanças nas vaquejadas no campo econômico e da tradição, há necessidade de observá-la sobre outro foco para compreender outras especificidades entre os seus participantes, os eventos e sua dinâmica cotidiana. Isso mostra a necessidade de apreender esta realidade adotando o que os antropólogos fazem que é a etnografia como teia de significados, Geertz (1998), apreendida pelas múltiplas vozes de Clifford (1998).

Nestas abordagens os autores detonam a autoridade etnográfica do pesquisador como “dono do pedaço” sendo agente central na compreensão e explicação dos fenômenos observados. Não é estar

lá que fará o antropólogo compreender os fenômenos estudados. Não é detalhando os fatos extensamente que se apreende os fatos e práticas dos interlocutores na pesquisa. No evento etnográfico se faz necessário fazer parte do pedaço para privilegiar o contato, a interação, os conflitos atribuídos entre os interlocutores da pesquisa.

Agier (2015), ressalta que o fazer antropológico se faz pelo encontro etnográfico entre o pesquisador, o sujeito da pesquisa e o campo de estudo. Nesse encontro, o antropólogo ao entrar no campo realiza sua atividade etnográfica por duas dimensões complementares, a saber: uma do vivido no campo que é a pesquisa participante para viver o mundo do outro. A outra se revela após a vivência no campo que é a interpretação dos dados vividos e coletados. Estas duas abordagens se complementam, tendo em vista que o vivido conduz a explicação baseada nas singularidades culturais e nas relações entre eu e o outro, demonstrando as diferenças existentes no grupo ou na sociedade estudada.

Estas abordagens chamam a atenção para observar os fenômenos em escala micro que permite apreender as relações, os contatos e os conflitos em suas especificidades. Isso é salutar na pesquisa etnográfica, mas na pesquisa o *zoom* da lente etnográfica não deve ficar refém de suas particularidades, nem de sua totalidade em grande escala. Então o que fazer para não se perder nos detalhes do campo ao ponto de esquecer do contexto que envolve as práticas dos interlocutores estudados? Magnani (2002) aponta que o olhar etnográfico no contexto da Antropologia Urbana necessita de um foco equilibrado sem pode ser de muito perto, nem tão pouco longe demais. Para ele, ambos extremos podem se restringir ora pela noção da especificidade, ora pela totalidade do fenômeno estudado. Para obter um olhar equilibrado segundo ele é preciso olhar de perto e de dentro.

A simples estratégia de acompanhar um desses “indivíduos” em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas, associativas etc. É neste plano que entra a perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos. (MAGNANI, 2002, p. 18)

A ótica de perto e de dentro, operadas nas cidades, podem ser utilizadas no contexto das vaquejadas, entre vaqueiros e padrões sem formatar uma leitura atomizada, hibridizada como um todo orgânico, funcional sem conflitos. Assim, a totalidade citada por Magnani (2002), nessa investigação,

é aquela que busca observar as regularidades e os padrões no conjunto das práticas e experiências vivenciadas no contexto dos interlocutores estudados. Nesse aspecto, a vaquejada como esporte, lazer e competição no contexto das relações sociais favorecem envolvimento, construções de territórios, pedaços, machas, circuitos não aparecem de forma evidente.

Para tentar apreender a realidade da vaquejada, utilizando o *zoom* de perto e de dentro, parte-se ao campo sabendo-se o que vai observar, carregando conscientemente seu problema e objetivos de pesquisa. É o que será visto no item a seguir.

2 EM BUSCA DOS VAQUEIROS E DOS PATRÕES: A VIAGEM E A DESCOBERTA NO CAMPO DE PESQUISA

Nesse tópico visou discutir, especificamente, sobre o cenário das vaquejadas contemporâneas no Rio Grande do Norte, sobretudo em Mossoró, assim como caracterizar as relações estabelecidas entre patrões e vaqueiros nas vaquejadas. Para entender a minha escolha do *locus* de estudo descrevo todo o processo de pesquisa, relatando como foram as viagens a região do Seridó e de Mossoró. Nela apresento, os meus porta-vozes no campo de estudo, que me conduziram a escolha dos sujeitos da pesquisa na cidade de Mossoró, assim como, apresento os principais colaboradores desse estudo.

As primeiras visitas tinham o objetivo de cunho exploratório no sentido de identificar e conhecer os vaqueiros e patrões da região a fim de demarcar como seria desenvolvida a pesquisa. Nestas investidas não as fiz levando consigo mesmo a ideia de que muitos pesquisadores dizem que este tema já é batido ou eu mesmo pensando já ser uma investigação já conhecida e sem poder perceber nada além do que já sabia sobre o evento em estudo. Bercker (2007, p. 122) chama a atenção para determinados truques na pesquisa, a saber: “quando você ouvir a si mesmo ou outra pessoa dizendo que não deveríamos estudar alguma coisa porque isso já foi feito, é uma boa hora para começar a trabalhar exatamente naquilo”. Nesse contexto, fui a pesquisa não excluindo o que já sabia, nem fui ignorando o que fora ignorado pelo os interlocutores da pesquisa. A entrada no campo se revelou num olhar atento a tudo que acontece na vaquejada, mesmo que nada estivesse acontecendo ao meu olhar. Fiz isso, ao sair para observar as principais vaquejadas da região Oeste e do Seridó, tais como as das cidades de Mossoró, Caicó, Currais Novos e Macaíba. No intuito de conhecer mais, o campo de estudo configurado pelas relações entre patrões e vaqueiros nas chamadas vaquejadas-

espetáculo. O conhecimento do cenário das vaquejadas me conduziu a escolha dos sujeitos da pesquisa e do próprio campo, específico de estudo.

A bússola orientadora para ir ao campo, era o cronograma anual já existente, sobre a realização das vaquejadas em cada cidade, que é amplamente divulgada pelos veículos de comunicação da imprensa, sendo eles falado, escrito e televisivo. Mas antes, para solidificar o encontro com os vaqueiros e patrões, procurava manter contato com alguém que participava daquela vaquejada para poder contribuir na pesquisa.

Conduzido pela aventura antropológica, fiz a primeira partida ao campo de estudo para a vaquejada de Caicó, a segunda para vaquejada de Mossoró, a terceira para vaquejada de Currais Novos, a quarta vaquejada ocorreu, novamente, em Mossoró. As cidades visitadas, durante a pesquisa, se localizam nas extremidades do Rio Grande do Norte, mais especificamente, na Região Oeste, Mossoró; na Região Seridó Caicó e Currais Novos. Vale salientar que, nas vaquejadas de Mossoró, fez-se duas visitas ao Parque “Porcino”, duas visitas a vaquejada no Parque Chiola, uma no Parque Vera Rosado e ainda no Parque *Haras* Rodrigo Falcão. Em Caicó, as visitas foram realizadas nos Parques “*Polion* Torres Júnior”, e na residência do Vaqueiro profissional Fábio; Já em Currais Novos foram realizadas uma no parque “Sílvio Bezerra de Melo” e outra na Pista de Vaquejada do vaqueiro profissional Adriano.

As escolhas destas visitas nas Vaquejada no Rio Grande do Norte se revelaram no sentido de observar, comparar e desvendar se há possíveis semelhanças e diferenças entre tais eventos e práticas entre vaqueiros, patrões e frequentadores durante seus deslocamentos nas competições e nas suas práticas cotidianas.

Vale destacar que as estruturas físicas das vaquejadas-espetáculo observadas são semelhantes em seus aspectos gerais na qual cada uma delas deve conter, uma pista de competição em formato retangular. Em torno dela existe locais de passagens, como se fosse pequenas pistas formadas por cerca de pau-a-pic que conectam os currais de bois, situados atrás do *brete*, assim como no fim da pista de competição. Estes locais de passagem de um lado são destinados aos vaqueiros para entrar e sair da pista de competição, enquanto que do outro lado, sobretudo no lado oposto situa-se um caminho para conduzir os bois para o *brete*. Após estas duas passagens existe espaços, geralmente, são destinados ao público que se situa na parte externa da pista de competição vai para assistir as derrubadas de bois. Então quem estar do lado da entrada e saída de vaqueiros ficam próximos dos competidores nas quais as pessoas têm acesso a eles. Estes ficam parados neste caminho ou caminham e correm com o cavalo quando estão próximos de entrar na pista de competição para

“correr os bois”, como dizem os vaqueiros e patrões. Já no outro lado na qual localizam próximos ao caminho dos bois o contato próximo das pessoas se revela apenas com os animais que passam perto daqueles que assistem o evento. Já a pista de competição possui as dimensões estruturais e marcações da pista semelhantes aos de outras vaquejadas-espetáculo. Também há em toda vaquejada os responsáveis pela condução da vaquejada como narrador que narra a competição, juiz que julga se o boi valeu ou não, calzeiro que acende as linhas que demarcam os 9 mts para derrubada do boi, curraleiro que cuida da entrada e saída de bois e de vaqueiros, fiscal de pista que cuida da retirada os bois da pista de competição.

Na parte externa, situada em torno da pista, há um amplo espaço para estacionar os caminhões com alguns banheiros e com tanques para banhar os cavalos durante as competições. Cada competidor ao chegar no parque procura um lugar para estacionar os caminhões e ficar hospedado neles durante os dias, em que se realizam as competições. Nestes caminhões é comum o espaço ser utilizado, tanto para momentos e encontros com familiares, amigos, competidores e patrões, como para discutir sobre a vaquejada e negociar animais, sobretudo, cavalos que tem maior valor na vaquejada atual.

Assim como ocorre em todas competições no interior do parque de vaquejada estão os caminhões dos vaqueiros desde os mais equipados estruturalmente, aos mais simples. O caminhão mais equipado é aquele que tem tudo que uma casa de luxo tem como banheiro próprio, cerâmica no piso, central de ar, cozinha, camas e quartos com suas divisórias para pessoas e para os cavalos. O caminhão simples é aquele que serve para carregar cavalos e na hora que estaciona no parque monta com uma tenda sua casa para passar os dias de competição na vaquejada. A tenda é um atributo comum do caminhão simples e do caminhão mais equipado, porém neste se faz como se fosse um sobrado de luxo onde os vaqueiros ficam numa plataforma suspensa ligando a entrada do caminhão com este sobrado e este com a saída para fora do caminhão. Então, na vaquejada existe classes sociais variadas de patrões que bancam seus vaqueiros, mas há uma classe social única dos vaqueiros, sobretudo profissionais vivendo por um contrato de trabalho, geralmente informal baseado na “palavra” de um a dois salários mínimos, tendo renda extra a partir dos prêmios conquistados nas competições. A divisão neste caso ocorre ao retirar as despesas do patrão com senhas daquela competição divide-se ao meio o prêmio com o vaqueiro. No caso dos patrões há uma certa uniformidade em sua diversidade de classe, só são patrões aqueles que são da elite, ou seja, quem pode bancar as despesas de uma competição seja com o vaqueiro trabalhando para ele, seja para ele próprio competir.

Após estes apontamentos gerais percebidos sobre a vaquejada vale destacar o processo da pesquisa. Partir para a pesquisa na vaquejada de cidade de Caicó, no Parque Polion Torres Junior, ocorrida no mês de Junho, entre os dias 11 e 14 do ano de 2015 com cerca de 2000.00 R\$ (duzentos mil reais) em prêmios.

Chegando em Caicó, ainda no sábado constatei que a estrutura do parque de vaquejada é composta por arquibancadas e camarotes móveis do lado direito e do lado esquerdo nas quais cobram entradas no valor de 10,00 (dez reais) em média. Estas acomodações tem uns camarotes construídos de alvenaria não móvel e outros feitos com material metálico e móveis. Para quem não pode pagar o acesso a estes espaços restritos, há tendas na parte central da pista de competição com bares, mesas e cadeiras.

Cheguei a entrar nos camarotes, constatando a dificuldade de saber quem era vaqueiro e quem era os frequentadores não-vaqueiros, pois as características das vestimentas são parecidas com as das pessoas que assistem ao evento, tais como, calças jeans, botas, camisa e boné. Naquele lugar me sentir indiferente, pois não encontrei os vaqueiros que conhecia, nem consegui articular com eles conversas específicas para direcionar a pesquisa.

Neste período entrei em contato com jobinha³, o organizador da vaquejada, para saber se ele tinha tempo disponível para conversar sobre os vaqueiros existentes da cidade. Ele se prontificou em conversar conosco, mas não foi possível o encontro devido seus afazeres com o evento. Mesmo assim, me dirigir ao parque de vaquejada encontrei uma interlocutora das minhas pesquisas realizadas a dez anos atrás. Veja no nosso relatório de campo como foi o encontro.

Mesmo assim fui a vaquejada quando encontrei a nossa “amazona interlocutora” na pesquisa de mestrado em 2008 vindo da pista de competição. No primeiro momento, não me reconheceu, mas quando se apresentei lembrou e disse “diga aí vei como vai? Faz tempo que não lhe vejo”. Então, a amazona perguntou o que queria. Disse que estava continuando a pesquisa sobre a vaquejada e a intenção era estudar a relação entre patrão e vaqueiro de vaquejada. Pedi se ela podia apresentar os vaqueiros da cidade, através do seu pai dono do parque de vaquejada de Caicó. Então disse: “posso ajudar, mas depois porque agora quero ver a competição”.

³ Mesmo assim, após o evento, Jobinha enviou via *WhatsApp* os números da vaquejada que foram 76 vaqueiros profissionais presentes na vaquejada. Enquanto que vaqueiros amadores foram 180, aspirantes 176 e amazonas 21. Segundo, ele o Vaqueiro profissional Fabio há apenas 9 vaqueiros profissionais existentes na cidade, porém diz que o quantitativo de vaqueiros amadores é bem numeroso. Isso demonstra que os números de vaqueiros de outras categorias, são mais significativos do que os participantes da categoria profissional. Os dados da competição demonstram que a quantidade de vaqueiros amadores sobrepõe ao número de vaqueiros profissionais.

Ao falar na forma do “homem do campo nordestino” chamou a atenção no sentido de que é comum os vaqueiros profissionais, sobretudo os que vivem na fazenda reproduzirem este tipo de linguagem. O destaque desta linguagem se torna ainda mais relevante porque a amazona é graduada em enfermagem parecendo reproduzir um estilo de ser que é comum na vaquejada entre seus competidores. Afinal confidenciou que abandonou a profissão de enfermeira só para viver do universo do campo cuidando do comércio do seu pai que vende alimentos e instrumentos do campo. Naquele momento estava com um amigo enfermeiro que ficou perplexo ao perceber como ela vivenciava o estilo rural de forma tão natural. Assim, as veredas da vaquejada parecia ser o lugar da sua identidade e da sua história com o mundo do campo.

Depois da vaquejada de Currais Novos resolvi articular as conversas com os vaqueiros, através de um amigo enfermeiro que reside na cidade, pois havia me dito que conhecia a vaqueira Amazona pois residia em seu prédio. Então, pedi, ao mesmo, que localizasse para eu conversar com ela. Em nosso diário de campo tomamos nota deste processo do campo.

Não tendo jobinha naquele momento como interlocutor esse papel suou ainda mais forte para voltar a insistir com nossa amazona como interlocutora, já que ela seria nossa interlocutora para abrir as portas da nossa pesquisa em Caicó entre nós e seu pai e entre nós e os vaqueiros. E isso ocorreu quando voltamos a Caicó um mês depois para conversar com a amazona. Retornei numa quarta-feira e passaria a semana entre Caicó e Currais Novos. Fui ao seu comércio guiado pelo nosso amigo da cidade e quando chegamos na localidade a amazona nos recebeu muito bem, porém encontrava-se atarefada de serviço. Nos recebeu mesmo assim e disse que seria bom conversar a noite no apartamento dela que se localizava alguns andares acima do apartamento do nosso colega informante. Então saímos e fomos ao apartamento para esperar por ela, mas a mesma não apareceu. Entendemos que este desaparecimento representava o desinteresse em nos ajudar. Descartei-a como nossa interlocutora pelo menos provisoriamente, pois se houvesse alguma oportunidade tentaria investir nesse contato mais uma vez.

Em um momento o campo desenhava um caminho que parecia uma reta linear que era fácil e óbvia para chegar aos vaqueiros envolvendo eu, o organizador da vaquejada, a amazona, o pai da amazona, os vaqueiros e o nosso amigo interlocutor da cidade que nos acolheu em seu apartamento. Em outro, esta reta linear adquiriu novos contornos, formas e sentidos tornando nosso caminho cheio de curvas que nos conduziu a ruas marginais que dificultaria o reconhecimento dos vaqueiros e padrões da cidade. Contudo, outras trajetórias ocorreriam durante a pesquisa de reconhecimento. Veja abaixo.

O tempo foi passando e certo dia na academia meu colega enfermeiro encontrou um vaqueiro amador conhecido dele que o reconheceu e conversaram. Ao descrever para seus colegas de academia sobre minha pesquisa o rapaz ajudou dando nomes de alguns vaqueiros de Caicó. No levantamento repassado por este vaqueiro sobre os vaqueiros profissionais existentes da cidade de Caicó percebe-se um número pequenos se for relacionado ao tamanho do evento da vaquejada.

Mesmo diante dessa conversa algo martelava em minha cabeça porque estava sendo tão difícil realizar a pesquisa de campo. Seria a disponibilidade do pesquisador em permanecer mais tempo na cidade visitada, que era fato, ou será mesmo desinteresse das pessoas na pesquisa? Após certo tempo esta explicação foi dada quando encontrei a minha primeira interlocutora no elevador do prédio casualmente e, antes que tocasse no assunto da conversa da vaquejada, ela mesmo enfatizou sobre o tema perguntando sobre minha pesquisa. Disse que estava indo muito bem e perguntei se haveria vaquejada neste ano de 2016 em Caicó. Ela respondeu que talvez não devido à estiagem de seca na região. Então, tinha destinos diferente para ir naquele momento. Eu iria trabalhar na universidade que leciono em semanalmente em Caicó e ela no comércio do seu pai. Sabendo disso ela destacou *dizendo* “*agora será mais fácil a gente conversar porque você está aqui direto*”.

Esta frase chamou atenção no sentido de que a pesquisa de campo se constrói de forma dialógica, ou seja, estabelecendo conversa e negociando como proceder no desenrolar da pesquisa, como afirmaria, respectivamente Crapanzano (1991) e Clifford (1998). Também constatei de que construir a pesquisa de campo há necessidade de permanecer etnograficamente em contato contínuo com o grupo que deseja estudar, conforme Malinowski (1978).

Chegada a esta constatação dada pela nossa interlocutora percebi que estas práticas deveriam se consolidar mais no contato com os sujeitos da pesquisa, mesmo em contato mais periódico. Mas isso de fato vai ocorrer apenas com outras “sacadas etnográficas” com os interlocutores durante o processo de pesquisa. Vamos observar uma aproximação maior na vaquejada de Currais Novos, mas em Mossoró a pesquisa vai se desenrolar de forma mais ampla no sentido da negociação, diálogo e de contato com os interlocutores.

Em Mossoró ocorreram a segunda, a quarta viagem e outras visitas em sítios da região. A diferença no número de visitas entre as vaquejadas das cidades escolhidas, deu-se em função do número mais acentuado de vaquejadas-espetáculos em determinadas localidades do que em outras.

Também isso decorre da maior proximidade construída entre o pesquisador e seus interlocutores na pesquisa.

Na “pegada” dos eventos de Mossoró deu-se a segunda viagem aventuresca que ocorreu no Parque Chiola de 04 a 06 de julho de 2015 com premiação de 20000,00 R\$ (vinte mil) em prêmios. Nesta vaquejada, organizada por Ednor, foram vendidas cerca de 420 senhas ao todo, sendo 120 da categoria profissional e 300 amador. Mesmo sendo uma vaquejada “caseira” com vaqueiros em sua maioria de Mossoró, ainda prevaleceu o número reduzido de vaqueiros profissionais, como ocorreu em Caicó. Estes dados revelam a superioridade numérica de amadores em detrimento dos vaqueiros profissionais, como fora apresentado também em Caicó. Talvez a participação pequena de frequentadores no evento, assim como de vaqueiros profissionais e com a presença maior de vaqueiros amadores, ocorre devido a premiação ser menor, em relação as outras vaquejadas.

Vale salientar que Ednor, também confirmou que promove, esporadicamente, vaquejadas em pequenos circuitos conhecidas como a dos amigos, assim como enfatizou que há bolões promovidos, durante todo ano, em vários sítios e pistas de corridas na cidade.

A pesquisa em Mossoró se desdobrou, a medida em que conseguia encontrar porta-vozes, que auxiliaram na entrada do meu campo de estudo me conduzindo assim, ao epicentro do mundo da vaquejada. Estes ajudaram a construir as teias de significados para ir se apropriando do campo de estudo em suas múltiplas dimensões.

O primeiro deles foi o contato com um porta-voz que denomino de iniciático que é aquele que está começando na vaquejada e não sobrevive dela. Trata-se de um companheiro de trabalho, conhecido como Dr. João Carlos, professor do curso de Fisioterapia da Universidade Potiguar em Mossoró, que corre nos eventos de vaquejada é comumente conhecido pelos vaqueiros e patrões nesse ambiente. Assim, perguntei a João se poderia contribuir na minha pesquisa, que instantaneamente se prontificou a ajudar, ao responder “na hora meu patrão”. Esta afirmativa simbolizou não só a aceitação como pesquisador contribuinte, mas também significa uma referência importante para vaquejada, que é o patrão como grande orquestrador das relações nas vaquejadas. A palavra “meu patrão”, assim como no mundo da vaquejada, significava transferir, simbolicamente, o poder do patrão para outrem. Nesse momento, eu estava sendo emponderado por este poder, no sentido de que estava recebendo passe livre do outro para atuar, seja nas relações de amizade já definidas e naquelas indefinidas, seja nas negociações com o outro e na própria vaquejada.

Em uma amizade já consolidada, este tipo de terminologia permite reafirmar os laços de amizade entre ambos. Por outro lado, em uma amizade indefinida, que é amizade ainda em

construção, permite a possibilidade de conquistar a amizade do outro. Dessa forma, o termo meu patrão também é utilizado entre os personagens da vaquejada para quebrar a relação de distanciamento entre o eu e o outro, no que confere a hierarquia social. Nas negociações a palavra “meu patrão” representa o caminho aberto para trocar, comprar e vender qualquer coisa e/ou mercadoria.

A terminologia meu patrão é um indicador de que os caminhos para partida ao campo de pesquisa estavam se abrindo. De forma imediata, este disse que se eu quisesse saber tudo de vaquejada precisava conhecer o Sr. Ednor⁴, primo da sua esposa, criador e cuidador de cavalos em seu sítio e realizador de eventos de vaquejada. Então, fui convidado por João Carlos para acompanhar a vaquejada dos amigos que seria promovida no mês de agosto de ano de 2015 no parque de vaquejada Chiola de propriedade de Ednor. Como Ednor arrendou o parque para a promoção desse evento, o controle das senhas foi feito pelos organizadores da vaquejada dos amigos que não me repassaram os dados gerais do evento. O que se sabe é que são 100 (cem) competidores da categoria amador e da categoria profissional, daqueles que trabalham na fazenda, e que houve outra categoria de vaqueiros profissionais que competem fora do circuito dos amigos. O que chamou atenção, foi a existência de competições paralelas a vaquejada dos amigos com outras categorias de vaqueiros. Isso demonstra que a vaquejada dos amigos começa a criar possibilidades para adentrar as vaquejadas-espetáculos.

Depois do encontro com Ednor na vaquejada e nas visitas ao seu sítio, ele se tornou outro porta-voz, que denomino de interlocutor privilegiado, pois é alguém que possui amplo poder e saber sobre a vaquejada. Ele além de lidar diretamente com a vaquejada, tem amplo conhecimento sobre o universo deste evento em sua diversidade, tais como vaqueiros, cavalos, bois, competições da cidade e da região. Durante nossas conversas, o mesmo listou nomes e telefones para contato de cerca de 20 vaqueiros e patrões que escolhi, estrategicamente, 12 destes para acompanhar as suas trajetórias nas vaquejadas, como sendo os principais e mais influentes nas vaquejadas.

Os 12 escolhidos foram aqueles vaqueiros e patrões que tem maior destaque na vaquejada para pesquisa, na qual estão sendo acompanhados no seu cotidiano e na vaquejada, subdivididos em quatro categoriais de análise, a saber: três vaqueiros categorias profissionais que se dedicam, exclusivamente, às competições e seus respectivos patrões, escolhi três profissionais daqueles que

⁴ Ednor, conhecido como Gambia⁴, vendedor de cavalos, prestador serviços a vaqueiros cuidando de cavalos na sua fazenda e também é promotor de vaquejada na cidade. Este é deficiente e se locomove em uma cadeira de roda elétrica. Ele se encontra nesta situação quando lesionou sua coluna vertebral em acidente automobilístico quando vinha de uma vaquejada. Constatei em vídeos que Ednor é muito querido na vaquejada pelos vaqueiros e outros patrões, sobretudo quando todos rezaram e torceram por sua recuperação após um acidente de carro.

vivem para as competições e do trabalho nos sítios, três daqueles profissionais que trabalham nos sítios, com os animais de vaquejada, mas não competem ou fazem isso esporadicamente e, por fim, estou observando três vaqueiros amadores que já são patrões, mas possuem relações com outros vaqueiros e patrões.

Vale destacar que neste artigo vou classificar apenas os vaqueiros e patrões profissionais das vaquejadas-espetáculo, tendo em vista que estamos no processo de observação, reconhecimento e familiarização do campo para, em seguida, desenvolver as entrevistas com os outros interlocutores da pesquisa. Os vaqueiros e patrões escolhidos desta primeira categoria são Nilo Neto e seu patrão que é de Sergipe, mas que este ano terá uma parceria com um patrão de Mossoró, conhecido como Edvaldo Filho, o vaqueiro Carlinhos Timóteo e sua patroa de Manaus, o vaqueiro Kakazinho, atualmente sem um patrão determinado.

O primeiro encontro ocorreu com o vaqueiro profissional Nilo Neto no *Haras* de Edvaldo Filho, que foi indicado por Ednor como um dos grandes vaqueiros de Mossoró na atualidade. Este vaqueiro não tem uma descendência familiar na vaquejada. Em conversa, afirmou que compete na vaquejada porque gosta e porque o evento é seu meio de vida. Seu patrão por ser de Sergipe, guarda e treina os cavalos no *Haras* de Edvaldo Filho, que também é patrão. Devido a sua presença constante neste *Haras*, convivendo com Edvaldo e Daniel,⁵ que treina e compete em vaquejadas, as vezes também corre para Edvaldo. Isso significa que embora Nilo tenha um contrato certo com um patrão, não impede que ele represente outro patrão. Isto significa que, uma das formas para se “manter vivo” na vaquejada, o vaqueiro precisa ser versátil em sua profissão, construindo relações com vários patrões e vaqueiros.

O *Haras*⁶ de Edvaldo localiza-se na região norte de Mossoró, conhecida como Puxaboi⁷, ou seja, situa-se na estrada que vai para praia de Tibau e perto do posto da Polícia Rodoviária Federal. Nesse lugar constatei, a expressão utilizada por vaqueiros como sendo ali o chamado *Leblon* da vaquejada, ou seja, um lugar da elite rica de Mossoró, que participa deste evento.

⁵ Vale lembra que o vaqueiro Daniel, é outro porta voz colaborador na vaquejada, no sentido que conhece muito sobre a competição. Daniel, graduado em direito e vaqueiro há mais de 12 anos, tendo o patrão Edvaldo como seu cunhado e o vaqueiro profissional Nilo Neto como seu amigo. Ele é um informante dicionário, tendo em vista que explica as terminologias, o ambiente da vaquejada e as técnicas empregadas no trato do cavalo e da competição.

⁶ Haras significa que além de treinar cavalos também reproduz cavalos por acasalamento ou por inseminação artificial. Alguns donos de parque utilizam o nome Haras mais não reproduz cavalos como é o caso do Haras de Rodrigo Falcão.

⁷ Puxaboi era o parque de vaquejada situado próximo ao posto da Polícia Rodoviária Federal. Neste parque ocorria grandes vaquejadas no passado em Mossoró promovidas pelo dono do antigo Café Kimimo, conhecido como seu Pitéu. Após a venda do Café Kimimo para a concorrente Santa Clara, deixaram de realizar vaquejada neste lugar. No entanto, com o tempo vaqueiros e patrões intensificaram, após a década de 90, a ocupação desta área fazendo sítios para os cavalos, tornando a região conhecida como Puxaboi.

Em torno deles há vários outros sítios sofisticados com casas, baias para os animais e pistas de corrida para cuidar, treinar vaqueiros e cavalos para as competições.

Observando a localidade percebi que, naquela região, possui sete pistas de vaquejada em atividade. Por isso, há circulação constante de vaqueiros, carros e cavalos na região, especialmente no horário da tarde, quando estão treinando para as competições e se socializando uns com os outros. Nestas socializações falam de tudo, mas uma coisa que não pode passar em branco é falar do universo da vaquejada. Nessas conversas discutem sobre cavalos, bois, vaqueiros, competições, assim como partilham as participações dos competidores e também discutem sobre as vaquejadas que estão ocorrendo ou que vão ocorrer no cenário nordestino. Estes momentos são muito comuns entres estes personagens, uma vez que, almejam se inteirar, a todo momento, sobre o “mercado” da vaquejada para saberem se posicionar, como competidor e profissional, nas relações com outros vaqueiros e patrões no cenário do evento.

Ao mesmo tempo que fazia estas visitas nas vaquejadas e nos sítios de Mossoró estava na área de ocorrer a terceira viagem de campo. O terceiro momento das visitas de campo ocorreu no mês de julho durante a vaquejada de Currais Novos, com a premiação total de 40.000,00 R\$ (quarenta mil reais) realizada no Parque Sílvio Bezerra de Melo no período de 10 a 12 de Julho de 2015.

Cheguei na vaquejada no dia que estava ocorrendo a cavalgada em toda cidade para comemorar a festa da padroeira Santana da cidade. Veja no caderno de campo o que foi percebido no evento da vaquejada e da cavalgada.

Fiz todo percurso e observei pessoas encouradas como se fazia antigamente em número diminuto. A maioria das pessoas cavalgavam com roupas mais no estilo do vaqueiro da atualidade como botas, calças jeans e camisas xadrez. As pessoas realizam o percurso em cavalos na sua maioria, em burros, jumentos e carroças eram a minoria. Todo percurso era conduzido por um carro de som em que as pessoas cantavam repentes e aboiavam, ao mesmo tempo que, entoavam vivas a padroeira da cidade. O final do percurso da cavalgada ocorreu em frente ao parque de vaquejada. Ao termino da Cavalgada foi quando conheci seu Alcindo. Perguntei se ele poderia ajudar no reconhecimento dos vaqueiros locais. De pronto marcou para gente conversar no parque de vaquejada no outro dia, mas que só o encontrei no parque no domingo. Quando o encontramos perguntamos ser ele corria vaquejada. Disse que não corria vaquejada, mas gostava de acompanhar o evento. Encontramos seu Alcindo conversando com umas pessoas e perguntei se poderia nos ajudar. Ele passou alguns nomes dos vaqueiros que conheciam da cidade. No momento que indicava os vaqueiros deu uma pausa e em seguida sem pestanejar foi logo dizendo. “Homem tinha um vaqueirão aqui que já bateu a senha e já tem 70 anos de idade. Na sua família já é a terceira geração de vaqueiros. Ele estava aqui agora. Ele sabe tudo de vaquejada. Espere que vou procurar ele.” Antes que Alcindo se deslocasse atrás do grande vaqueiro conhecido como Coutinho, ele já vinha ao nosso encontro junto

com seu neto, um menino que aparentava ter seus 12 anos de idade e seu vaqueiro. Fomos apresentados e fomos dizendo que estávamos fazendo uma pesquisa de doutorado sobre a vaquejada sobretudo na relação entre patrão e vaqueiro. Nesse meio tempo seu Coutinho enfatizou que tinha mais gente que podia nos ajudar. Quando avistou o locutor da vaquejada conhecido como Chico Locutor, que tem 40 anos de vaquejada, o chamou para nossa roda de conversa dizendo que este sabe tudo de vaquejada. Então, o vaqueiro de seu Coutinho nos convidou para ir até seu caminhão para conversa na sombra. Ao procurar uma sombra percebemos que o vaqueiro de seu Coutinho tinha zelo pelo seu patrão. Inclusive durante toda nossa conversa ele estava ao lado na parte da cozinha fazendo café para gente tomar.

Nestas falas percebemos duas coisas. A primeira é de que existe uma hierarquia no que é ser vaqueiro, não apenas remetida a ganhar prêmio, mas também a alguém que tem uma trajetória histórica na vaquejada. Isso significa que para seu Alcindo este senhor tem cacife para falar da vaquejada porque já a vivenciou por várias gerações, inclusive da passagem da vaquejada de morão para vaquejada como negócio. Também o destaque desta trajetória remete logo a alguém que vivenciou historicamente as relações entre patrões e vaqueiros do passado e do presente.

Na outra conversa percebi que aquele vaqueiro era um interlocutor potencial para falar da vaquejada em si, mas não era um interlocutor para construir relações com os vaqueiros locais, pois não eram da cidade de Currais Novos. Contudo, percebi que muitos vaqueiros são oriundos da vida urbana como ocorreu com os filhos, que também é médico, e Neto de Coutinho. Então, o que me intrigava é por que pessoas urbanas querem ser vaqueiros? Seria a busca por uma tradição? Seria a busca de viver um estilo de vida rural promovendo prestígio e status social? Tudo indica que são mais as duas últimas questões do que a primeiras.

Em 14 de maio voltei a Currais Novos para encontrar os vaqueiros daquela cidade. Meu primo que reside na cidade me conduziu até o vaqueiro Vercio que é tetraplégico, provocado por uma queda de cavalo. Ao conversar com o mesmo ele disse que fosse ao sítio do vaqueiro profissional Adriano que lá estavam todos vaqueiros. Chegando no local encontrei vários vaqueiros e dentre eles Pedro de Caica, que é amador e organizador do evento. Ele repassou o quantitativo de vaqueiros competidores, a saber: 837 participantes, sendo 180 profissionais, 573 amadores e 84 mirins e amazonas. Assim como na vaquejada de Caicó e Mossoró, há um quantitativo inferior de vaqueiros profissionais em relação as outras categorias de vaqueiros.

Vale salientar que este registro menor de vaqueiros profissionais de Caicó em relação a Currais Novos chamou a atenção, tendo em vista que o valor financeiro do prêmio deste evento era três vezes maior do que em Currais Novos. É muito comum o valor do prêmio ser um chamativo

atraente para os vaqueiros de toda região. Ainda mais que um considerável tempo que em Caicó não se ofertava um quantitativo tão elevado em prêmios. Isso talvez explique, o número maior de profissionais em Currais Novos, no que remete ao valor da senha ser 500R\$ (quinhentos reais), enquanto em Caicó o valor era de 1000 R\$ (um mil reais). O que se identificou comumente em ambas vaquejadas das cidades de Caicó e em Mossoró no Chiola, foi o número menor de vaqueiros profissionais em relação aos vaqueiros amadores, tornando estes talvez mais importantes para manutenção do evento do que os primeiros.

Estes dados não se alteram quando se trata do quantitativo de vaqueiros da cidade de Currais Novos. Em conversa com Caica, o mesmo destacou a existência de 11 vaqueiros profissionais da cidade, enquanto o número elevado de vaqueiros amadores era tão acentuado que não conseguiu precisamente o quantitativo existente dessa categoria.

O diferente na vaquejada de Currais Novos em relação a aquelas realizadas em Caicó e Mossoró foi realização da cavalgada circulando em parte da cidade, em comemoração à festa da Padroeira de Santana. Convém destacar que os participantes da cavalgada não eram os mesmos vaqueiros da vaquejada, parecendo existir dois grupos distintos de público, a saber: uma da vaquejada e outra da cavalgada. O que há de comum neles é de que há pessoas usando cavalos e vestidas com vestimentas parecidas em relação aos dois eventos. Há também destaque, tanto na vaquejada, como na cavalgada, figurando como acontecimentos principais da cidade. Vamos observar além destas, outras diferenças na quarta viagem feita em Mossoró, sobretudo na abordagem com os vaqueiros e patrões.

Quando fiz a quarta viagem aventureira para vaquejada no Parque Porcino Center, realizada de 01 a 04 de outubro de 2015 com 110 mil em prêmios. Segundo, Popó Porcino, nesta vaquejada correram 818 participantes, representando uma média de 409 duplas competindo em suas diversas categorias. A categoria amadora foram 598 senhas, subdividas em amador 250, aspirante 300, feminina 23 e tropa de elite, que são os patrões, 25 senhas. Já categoria profissional foi composta com 220 senhas. Assim, como foi visto nas outras vaquejadas visitadas, os dados representam um número mais elevado de vaqueiros amadores competindo na vaquejada do que profissionais.

O dado inovador nesta vaquejada foi o surgimento da categoria patrão, vista como tropa de elite. Isso demonstra que não é à toa, que o patrão é chamado de tropa de elite. Isso configura *status* superior pelos seus qualificativos financeiros e não pela sua qualificação como vaqueiro campeão. Este momento de competição também é realizado pelos patrões muito mais, no sentido de se socializarem entre si, de apresentar seus cavalos, seu grupo de vaquejada, do que disputar o prêmio

na sua categoria, pois segundo eles todos são vistos como amigos, companheiros e como negócio. Embora, nas competições as presenças dos patrões não são massivas, junto aos vaqueiros, a sua presença e participação na vaquejada amplia o circuito de troca nas competições entre si, seja para participar da sua vaquejada em seu parque, seja para comercializar cavalos ou outros bens, seja para contratar vaqueiros nas vaquejadas para lhe representar em outras competições.

Vale lembrar que nesta vaquejada já fui com os nomes dos interlocutores já direcionados previamente pela conversa que havia tido com Ednor há meses atrás. Convém, lembrar que além de encontrar os vaqueiros, a minha presença neste evento foi importante para começar a fazer observações sobre o cenário da vaquejada do Porcino, assim como agendar as visitas ao cotidiano destes interlocutores no cotidiano do seu trabalho.

As visitas aqui foram mais interativas, tendo em vista que já conhecia alguns vaqueiros e patrões, como os filhos de Ednor, Edvaldo Filho, João Carlos, dentre outros. Outros já desconhecidos mais aproximados de mim por conhecer outras pessoas que tinha relações com os futuros interlocutores, como Kallyne minha ex-aluna e irmão do nosso primeiro informante que direcionou nosso encontro na vaquejada.

A pesquisa demonstra que nesse momento se situa numa perspectiva avançada no sentido do contato com os vaqueiros e patrões. Sendo um processo, a pesquisa em curso estava, somente agora, abrindo as portas para as futuras relações com os interlocutores.

Vejam como foi o primeiro encontro na vaquejada transcrito do nosso diário de campo com o vaqueiro Kakazinho, que, atualmente, compete de forma terceirizada para um e outro patrão que convida para competir nas competições. Ele é o vaqueiro da terceira geração da sua família, sendo que seus antecedentes, exerceram a profissão de vaqueiro de fazenda e de vaquejada, respectivamente, seu avô e seu pai.

O primeiro que encontrei foi com o vaqueiro profissional Kakazinho que estava andando em seu cavalo, quando chamei para conversar para apresentar a minha proposta de pesquisa. No entanto, fiz questão de frisar que fui ao seu encontro por ele ter sido mencionado por Ednor e por outros vaqueiros e patrões como um competidor de destaque em Mossoró. Neste momento disse o que era a pesquisa e perguntei se ele aceitaria eu acompanhar a sua trajetória na vaquejada. Aceitou dizendo “na hora amigo. No que precisa estamos à disposição.” (Informação verbal, *grifo nosso*)

A expressão na hora amigo revela não apenas uma frase sem um conteúdo substancial de ação proativa em relação a mim. Isso apresenta uma busca de familiaridade ou de relação social com o outro, tendo em vista que o pesquisador não era tão familiar assim do sujeito pesquisado.

Após este momento fiz quatro visitas em seu lugar de trabalho em 30 de junho de e 27 de outubro de 2015, 16 e 31 de maio de 2016, situado na Alameda dos Cajueiros, região Sul de Mossoró que tem em torno de 10 pistas de vaquejada na região. O local onde guarda e cuida dos cavalos é uma casa com um cercado feito de cerca de madeira. Esta residência fica no fim de um conjunto de casas no referido bairro que desemboca no Rio Mossoró. Tendo espaço neste lugar com terrenos de propriedade de sua família, aproveitou um terreno distante cerca de 300 metros de sua residência para construir uma pista para treinar seus cavalos. No que remete a pista de competição observei uma prática que parece ser regular na vaquejada, conforme o diário de campo.

Até o início de 2016, Kakazinho não tinha uma pista de competição própria. Acompanhando um dia de treinos que foi em 27 de outubro de 2015, constatei que ele se deslocava para treinar na comunidade de Bom Jesus, no sítio de Gustavo da Tv Cabo Mossoró, que é patrão do vaqueiro profissional conhecido como Molico.

A vaquejada sendo um comercio não pode fechar as porteiras do intercambio da troca, uma vez que um vaqueiro ou patrão tende sempre a necessitar do outro para realizar suas atividades na vaquejada, como negociar cavalos, conseguir competidores para sua competição, precisar de bois para sua competição ou treino, dentre outras práticas. Isso significa que os vaqueiros e patrões necessitam de parcerias, na qual um pode ajudar o outro. Por isso é comum os vaqueiros dizerem que na “vaquejada todo mundo é amigo” ou que “todo mundo conhece todo mundo”. Isso significa que um amigo tem palavra e tem atitude de sempre retribuir um favor feito de outro vaqueiro. Contudo, amizade desse tipo tem o limite de que favores não retribuídos cria-se inimizade e pode fechar as portas para possíveis trocas entre eles no futuro. Então, no contexto da vaquejada as relações não são apenas de amizade, embora esta seja importante para manter sua participação viva no evento, mas de conflitos provocados por disputas ou por desajustes em decisões contrárias aos interesses de cada um.

Ainda nesta vaquejada do Porcino, conversei também com o vaqueiro profissional Carlinho Timóteo. Veja o relato no diário de campo.

Embora tivesse já feito entrevista com ele quando ainda era iniciante na vaquejada há 10 anos atrás, ele não lembrava mais de mim. Então, no nosso encontro fiz questão de procurá-lo nas baias dos cavalos e trouxe a memória desta entrevista passada para atrair sua atenção. Ele mesmo disse há rapaz agora estou me lembrando de você.

Quanto tempo né? Ao falar dos objetivos da pesquisa também fiz menção aos indicadores do seu nome como principal vaqueiro de Mossoró feito por Ednor e outros vaqueiros e patrões. Perguntado se poderia ajudar na pesquisa. “Disse na hora. Posso sim, mas agora não porque estou cuidando dos cavalos. Pode ser em outra hora?” Respondi que sim. Poderia ser onde ele quisesse. Então disse que poderia ser no porcino mesmo pois todos os dias estava lá cuidando dos cavalos. (Informação verbal, *grifo nosso*)

Carlinho reproduz o discurso de compromisso comigo, mas ficou a pergunta no ar: se ele estava no trabalho como poderia entrevistá-lo? De todo modo, indiretamente Carlinhos estava me dizendo que precisava ter mais afinidade comigo para fazer entrevista, ou seja, indiretamente chamava minha atenção de que o campo vivido é fundamental para compreender a experiência da vaquejada, vaqueiros e patrões. Só fui compreender isso no decorrer das visitas que fiz no Porcino, conforme relatos que descrevi.

Fui ao parque após a vaquejada e não vi Carlinho nos dias 19 e 28 de outubro de 2015, pois segundo os tratadores ele estava viajando para as vaquejadas. Assim, fiquei apenas observando os outros vaqueiros treinando, assim como as conversas deles entre uma atividade e outra. No dia 18 de novembro de 2015 fui ao parque, mas não encontrei Carlinho porque ele tinha saído para resolver problema de saúde. Já estava quase desistindo por tantas controvérsias nas pesquisas, mas resolvi enviar uma mensagem para ele em fevereiro via WhatsApp para tentar agendar uma nova visita. Então, ele recebeu e confirmou para ir no dia 10 de fevereiro de 2016 ao parque Porcino. Chegando lá ele estava preparando seu caminhão para viajar para uma vaquejada. Então, observei e até ajudei o seu tratador de cavalos a colocar feno dos animais no caminhão, mesmo assim ele estava dando uma vitamina via oral nos animais e disse pode perguntar o que quiser que eu respondo. Observando que ele estava ocupado e não se concentraria nas respostas. Então, respondi que a entrevista poderia ocorrer em outro dia melhor na qual ele estivesse desocupado. Somente em 24 de fevereiro de 2016, conseguimos realizar a entrevista no Parque Porcino.

Essa dificuldade de contato se deve, além da experiência de campo, também ao fato de Carlinhos ser um vaqueiro reconhecido e em atividade constante nas vaquejadas e no parque, demonstrando dedicação exclusiva a sua profissão, como ocorrer com os outros profissionais entrevistados.

Vale lembrar que Carlinho é oriundo da segunda geração da sua família na vaquejada, tendo como antecedentes de vaqueiros na sequência seu pai e seu irmão. Atualmente, trabalha para o Grupo João Pacheco do Amazonas. A patroa dele é uma mulher, que é responsável por manter toda a estrutura para Carlinho correr nas vaquejadas. O Parque de vaquejada dela situa-se em Manaus e tem o nome João Pacheco em homenagem a seu avô. Como o parque de sua patroa se situa no Norte do

País, ela alugava as baias⁸, do Porcino para cuidar, guardar e treinar os cavalos para as competições. Agora já no início de 2016 Carlinhos foi transferido, por sua patroa, para Fortaleza na intenção de correr junto com outro vaqueiro profissional, muito conhecido, Tobias, filhos de Tetê.

Outra perspectiva que se apresenta nesta descrição sobre Carlinho é a maneira como a sua patroa exercer seu poder de controle do seu vaqueiro. Ele descrever como isso ocorre:

Ela sabe de tudo. Sabe a distância por telefone, *WhatsApp* e vídeos gravados, acompanha as despesas e o trato diário com os cavalos nas competições e no cuidado deles. Sempre que pode, ela vem acompanhar em *locus* a minha participação na vaquejada. (Informação verbal, *grifo nosso*)

Geralmente os patrões não dispõem de tempo para ir as vaquejadas, assim como acompanhar como seus animais são tratados, uma vez que estão competindo pelo Brasil, ou porque seu patrão é residente no Estado distante do seu vaqueiro contratado. Isso remete as práticas dos patrões do passado que o medido de sua relação era mais a confiança do cálculo exacerbado de números e valores que seus vaqueiros lhe apresentavam no fim do mês. Contudo, no contexto atual a confiança é fundamental para evitar prejuízos ao seu patrão, bem como para os vaqueiros ter um bom desempenho nas vaquejadas.

Ainda caminhando pela vaquejada do Porcino, conheci, através do vaqueiro amador Caio de Ecim o patrão Fabio Cruz, que tem o vaqueiro Luiz da Velha, como seu principal parceiro nas competições e no cuidado dos seus cavalos, há mais de 20 anos. Como eles estavam agendados para eu conversar, mas que não os conhecia o nosso encontro se deu, naquele momento, de forma esporádica e serviu para, apenas, trocar números de telefone e marcar uma visita ao seu sítio.

Uma semana após o término da vaquejada do Porcino, fui no dia 14 de outubro de 2015 com Fábio visitar seu sítio situado, a 12 km de Mossoró, em Pitombeiras na zona Sul de Mossoró, na estrada que dá acesso à cidade de Governador Dix-Sept Rosado.

Chegando ao local com a presença do seu patrão fui recebido muito bem por seu vaqueiro Luiz da Velha. Conheci todo sítio e depois de explicar sobre o objetivo da pesquisa perguntei se podia voltar no local mais vezes para observar como seria o cotidiano no sítio.

Depois daquele momento voltei ao sítio outra vez pela manhã no dia 04 de novembro de 2015. Neste encontro tomei nota de duas coisas que se apresenta em toda vaquejada.

⁸ É o local de residência dos cavalos.

Neste encontro que fiz fui convidado por Luiz da Velha para passear a cavalo nos sítios da região junto com mais um vaqueiro, conhecido como Nego Cesar e um Rapaz, de nome Orlan, que se dizia curador de feridas de animal. Luiz selou o animal para mim e ao me aproximar do animal disse: “é melhor trocar os tênis pelas botas e usar boné”. Na caminhada o vaqueiro Nego Cesar que caminhava conosco olhou para meu modo de andar a cavalo e disse que “o caba conhece um vaqueiro na maneira como ele pega nas rédeas do animal”. (Informação Verbal, grifo nosso)

Na primeira fala percebi que a indumentária dos vaqueiros não é mais a chamada armadura de couro, mas há uma outra em seu lugar como botas, chapéu, calça jeans e geralmente camisa. Também o contexto da sua fala representava a ideia de que para andar como vaqueiros estes instrumentos são além de ser protetores, demarcam a identidade do vaqueiro atual.

Já na segunda percebi que existe um estilo para andar a cavalo que logo é percebido por eles. O vaqueiro para ser um bom vaqueiro precisa saber todos os comandos do cavalo como caminhar, correr, controlar e frear. Caso não tenha esta habilidade nota-se que não é vaqueiro.

Diante deste cenário, além disso, constatei também transformações culturais na vaquejada ao longo do seu percurso histórico, que repercute no universo do patrão e do vaqueiro. É isto que mostrarei nas considerações finais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas visitas as vaquejadas constatei no geral um universo comum entre estes eventos, a saber: a pista de competição, as festas com shows de bandas estilo elétrico, vendedores ambulantes no parque, vaqueiros competidores da região e de outros lugares Nordeste, competidores profissionais e amadores.

Em relação ao patrão e ao vaqueiro nas vaquejadas foi percebido que estão práticas presentes em todas as vaquejadas-espetáculo. Os primeiros têm sua presença mais no sentido simbólico, representado na figura do vaqueiro, do que na sua presença física, uma vez que, o patrão não tem disponibilidade para percorrer todas as vaquejadas no Nordeste brasileiro e em outros Estados do Brasil.

Outra prática comum, que foi visualizada, é a existência, principalmente, de duas categorias de competidores chamadas de vaqueiros profissionais e de vaqueiros amadores. A primeira é a dos vaqueiros profissionais que só vivem da vaquejada e daqueles que vivem da fazenda e da vaquejada. A segunda se revela pelos vaqueiros amadores que não vivem do evento, mas tem o esporte da vaquejada, como entretenimento.

Vale salientar que um vaqueiro, que só vive da vaquejada, tem a relação com o patrão diferente daquele que vive no sítio e corre na vaquejada. No primeiro tipo de profissional, o vaqueiro que só corre na vaquejada, não tem seu patrão muito próximo no seu cotidiano, uma vez que vive viajando de cidade em cidade disputando prêmios. Devido o distanciamento físico, entre patrão e vaqueiro, a relação de confiança se apresenta como palavra de ordem para consagrar a posição de mando e obediência entre ambos. No segundo tipo de profissional, a relação entre patrão e vaqueiro se diferencia pela proximidade física entre eles. Neste contexto, o vaqueiro presente no sítio cuidando dos cavalos mantém constantes contatos com seu patrão e seus familiares, tornando uma relação mais próxima entre eles, do que aquela configurada pelo distanciamento.

Ainda foi verificado tipos de relações terceirizadas, operadas pela contratação de vaqueiros, apenas, para competir em uma ou outra competição. Isso ocorre mesmo, o patrão tendo os vaqueiros no seu sítio, trabalhando para ele, pois ao contratar vaqueiros de renome na vaquejada, que tenham capital simbólico, serve para valorizar seus cavalos e seu nome no evento.

Outra situação terceirizada ocorre quando o patrão não tem nenhum vaqueiro trabalhando para ele e por não ter sítio para guardar e cuidar dos seus cavalos. Dessa forma, contrata os serviços de outro patrão e vaqueiro, que tem sítio, para cuidar dos seus cavalos.

Considerando tudo que foi discutido cabe questionar: por que os patrões, ainda, persistem em investir em vaqueiros profissionais já que poucos deles têm lucro na vaquejada? Como se dá as relações ente patrões e vaqueiros a partir das várias condições de trabalho, lazer e negócio na contemporaneidade? Como se revelam as relações entre patrões e vaqueiros quando são, ao mesmo tempo, vaqueiros e patrões? Estes são assuntos para ser respondidos no decorrer da pesquisa em curso.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **“O Espetáculo do Cabra-Macho”**: Um Estudo Sobre os Vaqueiros nas Vaquejadas no Rio Grande do Norte. 2008. fl. 183. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) – Curso de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2008.

AGIER, Michel. **Encontros Etnográficos: Interação, Contexto, Comparação**. São Paulo: Unesp, 2015.

BECKER, Howard S. Amostragem. *In*: **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 96-144.

CLIFFORD, James. Sobre a Autoridade Etnográfica. In: Gonçalves, REGINALDO, José. (Org). **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CRAPANZANO, Vincent. Dialogo. In: **ANUÁRIO Antropológico 88**, Brasília, DF: Tempo Brasileiro, 1991. p.59-80.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, Dec. 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: Um Relatório do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 17-34. (Os Pensadores)

SILVA, Gilnara Karla Nicolau da. **O Espaço do Consumo e o Consumo do Espaço no Município de Macaíba-RN a Partir das Festas de Vaquejadas (1980-2012)**. 2013. fl. 171. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Geografia) – Curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2013.